

Diego Freitas fala
de suas estéticas
nas telonas

PÁGINA 3



Ana Carolina
canta a eterna
Cássia Eller

PÁGINA 8



Gustavo Gasparani
e uma vida feita de
muitas vidas

PÁGINA 13



2° CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Lilian Aragão/Divulgação

Ícone de muitas infâncias, Renato Aragão celebra o Natal com um presente para o cinema: vai voltar às telas em 2024

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

O Natal tá aí na porta e o coração de Renato é só alegria, e por todos os motivos. Chegou à marca de 5,3 milhões de seguidores no Instagram, o que faz dele uma celebridade digital. Vai virar tema de um espetáculo teatral, “O Adorável Trapalhão – o Musical”, previsto para estrear no primeiro semestre, narrando seu nascimento no Ceará, a criação do eterno Didi (seu alter ego), sua chegada ao Rio e o sucesso no audiovisual. Não bastasse tudo isso, o ícone do riso, que completa 89 anos no próximo dia 13, ainda vai regressar aos cinemas.

É o habitat que mais faz seu peito palpitar. Um terreno onde vendeu, segundo estatísticas oficiais, 30 milhões de ingressos, entre 1965 e 2017. Ausente da tela grande desde o lançamento de “Os Saltimbancos Trapalhães Rumo a Hollywood”, seis anos



Renato Aragão chega ao Natal vislumbrando muitos projetos para 2024

atrás, ele volta ao circuito no dia 25 de janeiro, no elenco de “Príncipe Lu e a Lenda do Dragão”, de Leandro Neri, ao lado de Luccas Neto, febre de audiência nas redes sociais.

“O cinema é a minha vida. Quando falo em cinema, o meu coração palpita”, confessa Aragão, um fã de Oscarito que virou sinônimo de salas lotadas nos anos 1970 e 80. “Sou amarrado em cinema. Para mim, tudo de trabalho é cinema. Fiz um filme

“O cinema é a minha vida. Quando falo em cinema, o meu coração palpita”

Renato Aragão

agora com o Luccas Neto e fiquei emocionado. Digo com orgulho: ‘Olha que filme bom!’. Participei

e fiquei muito feliz. Parabéns, Luccas. Muito obrigado”.

Na trama, Aragão é o mestre que ajuda o Príncipe Lu (Luccas) a debelar o Dragão da Maldade ao transmitir a ele lições preciosas. Com o Brasil, o eterno trapalhão sempre compartilhou uma lição valiosa: “A saída para este país está em três pontos: educação, educação, educação”, disse o astro, ao ser homenageado pela Festa Literária das Periferias (Flup), em 2017.

Em temporada de balanço de um 2023 em que ele e sua companheira, Lilian Aragão, gestaram (e puseram em prática) mil projetos, Aragão cultiva um sentimento de gratidão, que estende a seu fã-club: “O Natal representa esperança. Uma nova vida para todos. Fico muito feliz de estar ativo, com vocês, e vou junto com tudo isso. É tempo de Natal, de fraternidade, de alegria e de amor para todos. Felicidades pra vocês”.

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Celebrizado por narrativas curtas transformados em febre na internet, Bruno Aleixo – misto de cão e urso felpudo que, na ficção, é o ranzinza apresentador de um programa popular – pode satisfazer a necessidade do circuito exibidor brasileiro por narrativas natalinas. O divertido personagem pode garantir ao circuito momentos felizes de celebração do Bom Velhinho, com sua nova aventura em forma de longa-metragem, ao mesmo tempo em que demarca, em nossas terras, e nossas telas, a força do cinema português. Previsto para estreiar cá até o início de janeiro, pelo estima o calendário da Filme B (site responsável por uma triagem do mercado), o hilário “O Natal do Bruno Aleixo”, de João Moreira e Pedro Santo, passa atestado de excelência para a dimensão pop da recente cinematografia de nossos patrícios, que viveu um ano de achados. Essa boa fase já rende bons augúrios para 2024.

Confira uma lista de pérolas de Portugal que se destacaram nos festivais do mundo.

MAL VIVER, de João Canijo: Um merecidíssimo Prêmio do Júri na Berlinale deste ano há de trazer novos holofotes para um dos mais potentes artesões autorais lusos. Sua arena aqui é um hotel, que nos é apresentado pela perspectiva de suas donas e de suas funcionárias, com destaque para a atuação de Rita Blanco e Anabela Moreira. Um diálogo sobre o interesse de uma jovem em nadar, eletrificado por memórias de suas peraltices d'outrora (um beijinho num coleguinha de piscina), expõe o quão sutil é a carpintaria de escrita de Canijo, interessado em miudezas. São miudezas jamais cicatrizadas que, com o tempo, rasgam-se em feridas existenciais largas demais. A fotografia de Leonor Teles encapa as palavras do cineasta com uma luz austera.

NAYOLA, de José Miguel Ribeiro: Uma dase animações mais arrebatadoras do ano, egressa de Portugal, idealizada pelo realizador

Excelência portuguesa, com certeza

Estreia de ‘O Natal do Bruno Aleixo’, baseado numa febre da internet, abre espaço para o lado pop do cinema autoral português, que vive uma temporada de grandes filmes

Fotos: Divulgação



Mal Viver



O Natal do Bruno Aleixo



Nayola

de “A Suspeita” (2000) faz um balanço dos traumas bélicos de Angola. Sua trama segue três gerações de mulheres afetadas pela guerra civil: a avó Lelena, a filha Nayola e a neta Yara. Um segredo doloroso, uma busca imprudente, uma música de combate, um amor suspenso e uma jornada de iniciação: essa é a fórmula do roteiro, que foi aplaudido com ardor no Festival de Annecy.

TRIO EM MI BEMOL, de Rita Azevedo Gomes: Esta joia brilhou na Berlinale e na competi-

ção do Festival de Mar Del Plata, homenageando um mestre da Nouvelle Vague, Éric Rohmer (1920–2010), ganhador do Leão de Ouro em 1986 com “O Raio Verde”. Em 1987, durante o processo de escrita de “Quatre Aventures de Reinette et Mirabelle”, Rohmer decidiu deixar de fora o quinto episódio do filme e, em seu lugar, transformá-lo em uma peça teatral. Inspirado em Mozart, ele a chamou de “Le Trio En Mi Bemol”, e lançou esse exercício pelas artes cênicas no final daquele ano, no Théâtre Renaud-Barrault, sob

sua direção. Agora, 35 anos depois, Rita parte do texto teatral dele para construir um ensaio sobre as incongruências do amor. Na trama, vemos uma série de encontros entre dois ex-amantes que ainda gostam muito um do outro. Mas, em sua versão, Paul (Pierre Léon) e Adélia (a ótima Rita Durão) discutem o querer.

NÃO SOU NADA, de Edgar Pêra: Há uma fotografia estonteante neste thriller psicológico que decorre dentro da cabeça de Fernando Pessoa, e fez sua estreia no Festival

de Roterdã. No seu Clube do Nada, habitado por heterônimos, o poeta consegue concretizar todos os seus sonhos. Mas a entrada em cena de uma mulher sofisticada, muito diferente da Ofélia do mundo real, começa a desestabilizar o clube, enquanto o ultrajante heterônimo vanguardista Álvaro de Campos disputa a autoridade de Pessoa de forma violenta. A produção é de Rodrigo Areias, diretor de cults como “Hálito Azul” e do esperado.

RESTOS DO VENTO, de Tiago Guedes: Uma atuação impecável de Albano Jerónimo, astro de “A Herdade” (2019), alimenta este thriller seco. Sua trama é uma espécie de “Sobre Meninos e Lobos” à moda portuguesa. No filme, vemos uma tradição pagã de uma vila do interior de Portugal que deixa traços dolorosos num grupo de jovens adolescentes. Vinte e cinco anos depois, ao se reencontrarem, essas pessoas se sentem marcadas por uma tragédia.

OBJETOS DE LUZ (“Objectos de Luz”), de Marie Carré e Acácio de Almeida: Uma radiografia do cinema português dos últimos 50 anos se desenha nas telas neste documentário ensaístico sobre a dimensão de transcendência da iluminação de um set. É um delicado exercício filosófico sobre a memória do audiovisual, produzida por Rodrigo Areias (de “A Távola de Rocha”). Acácio é um dos mais ativos diretores de fotografia da Península Ibérica e leva para as telas trechos de longas que iluminou de 1967 até hoje.

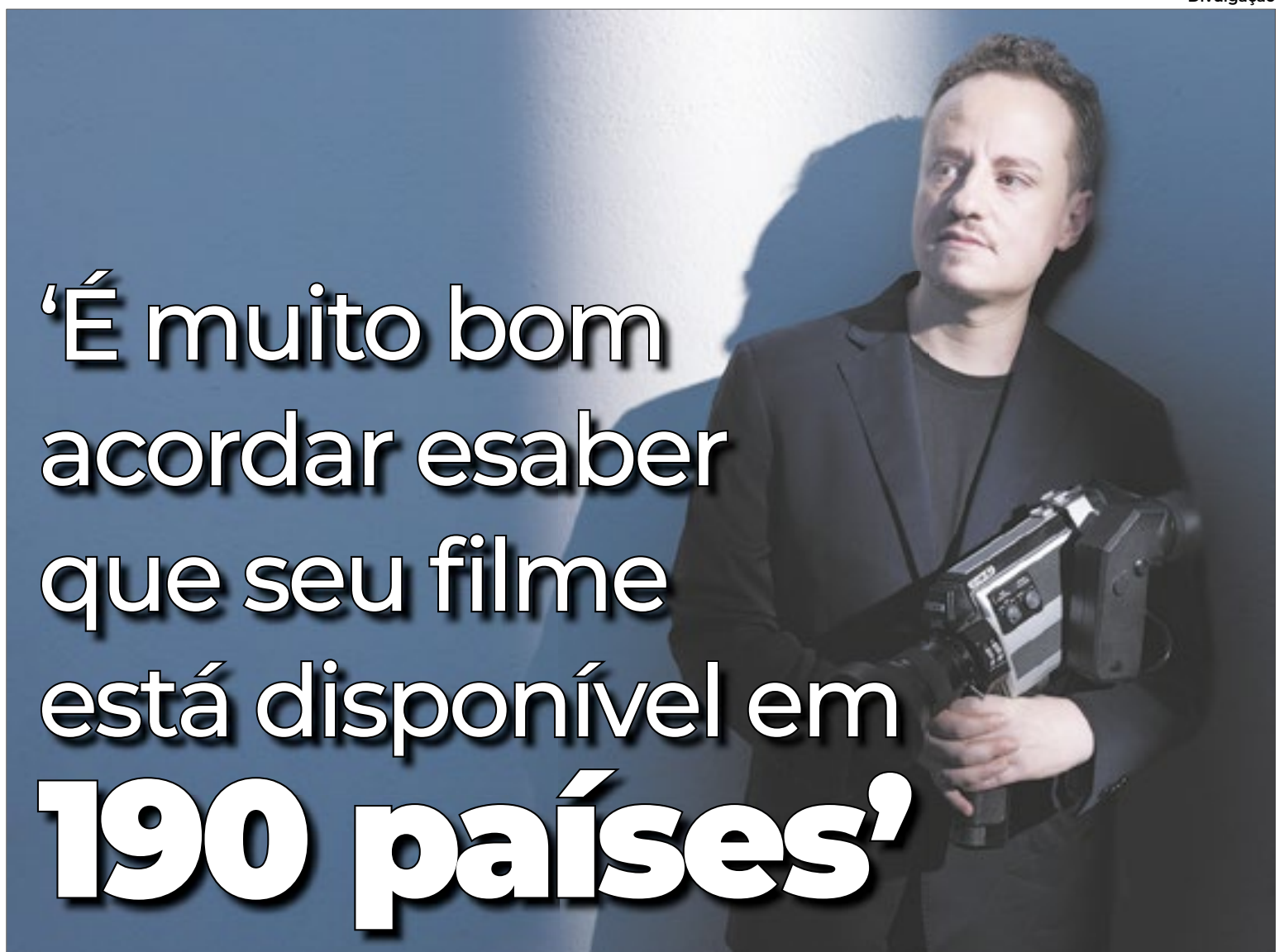
NAÇÃO VALENTE, de Carlos Conceição: Em sua competição anual pelo Leopardo de Ouro, o Festival de Locarno delirou com esta mistura agonizante e agoniada de relato histórico e alegoria, no qual fantasmas do colonialismo assombram personagens característicos de uma pátria outrora navegadora. Numa direção madura e ousada, o realizador de “Serpentário” (um cult de 2019) propõe um ensaio poético sobre as cicatrizes do expansionismo do Velho Mundo em terras africanas. Um expansionismo violento.

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Poucas comédias nacionais lançadas da pandemia para cá foram mais afetivas (e visualmente potentes) do que “Tire 5 Cartas”, um dos filmes que atestam o naipe de talentos do realizador Diego Freitas na construção de dramaturgias antenadas com diferentes cartilhas de gênero e preocupadas em solidificar personagens capazes de nos fascinar. Hoje ele é o nome por trás de alguns dos maiores sucessos da Netflix Brasil dos últimos dois anos: “Depois do Universo” e “O Lado Bom de Ser Traída”. Ambos quebraram recordes na plataforma de streaming. Tem ainda no currículo o eletrizante “O Segredo de Davi”, lançado em 2018, com Nicolas Prattes.

Freitas assina a direção e o roteiro de “Depois do Universo”, que conta com Giulia Be e Henry Zaga no elenco e alcançou 51 milhões de horas assistidas nos primeiros 28 dias. Ficou Top 10 do Brasil na Netflix por cinco semanas. Chegou ainda ao Top 10 Mundo da plataforma, em 47 países. Recentemente, “O Lado Bom de Ser Traída”, thriller erótico com Giovanna Lancelotti e Leandro Lima, foi o longa de língua não inglesa mais assistido daquele streaming no mundo em sua semana de estreia, com 14,7 milhões de visualizações e 24,3 milhões de horas assistidas. Ficou no Top 10 em 87 países, sendo 28 deles em primeiro lugar, como foi verificado na França, na Itália e em Portugal.

Formado em Rádio e TV pela Faculdade Paulus de Comunicação (FAPCOM), com bolsa pelo Programa Universidade para Todos (Prouni), Diego tem o objetivo de fazer filmes para capazes de dialogar com o grande público, comovendo as mais variadas plateias. Aos 33 anos, o diretor nasceu em Mairiporã, no interior de São Paulo, e foi para a capital do estado para investir na carreira de cineasta. Ele trabalha com curtas-metragens desde os 13 anos. Aos 16, venceu o concurso



‘É muito bom acordar esaber que seu filme está disponível em 190 países’

de curtas realizado pela Petrobras em parceria com o site de entretenimento Omelete. Com o suspense “Sal” (2016), ele foi selecionado para o Festival de Gramado e correu outros festivais ao redor do mundo.

No papo a seguir, ele dimensiona suas ambições estéticas.

Qual é a linha narrativa que costura uma aposta tão plural de gêneros e universos como você vem fazendo, de “Tire 5 Cartas” a “O Segredo de Davi”? Impressiona muito a sua aposta em investir em personagens. Que personagens mais te interessam? Como torná-los maiores do que as narrativas às quais eles se ligam?

Diego Freitas: Sou um criador consciente das minhas origens e das experiências que tive ao longo da vida. Posso dizer que não tenho uma linha narrativa única para todas as histórias que

“Estou animado com as oportunidades que estão surgindo. A paixão pelo cinema é o que tem me guiado até aqui”

Diego Freitas

eu crio, mas, a minha busca é por autenticidade. Acredito que isso faz com que outras pessoas se conectem também. O meu maior desafio é criar personagens que tenham profundidade, motivações claras e uma jornada que emocione, independentemente do gênero ou universo em que es-

tão inseridos.

Que espaço de criação as narrativas de streaming hoje representam? Que demandas as plataformas impõem a um criador? Que rotas elas oferecem a criação?

O streaming representa uma oportunidade significativa para diretores e roteiristas, oferecendo um terreno fértil para uma variedade de formatos e gêneros. Esse mercado tem experimentado um crescimento exponencial nos últimos anos, o que é maravilhoso! Pelo menos no Brasil, poucos anos atrás, nós tínhamos um leque muito estreito de como financiar um projeto. Hoje temos diversos caminhos. Sem falar na distribuição, que sempre foi um desafio. É muito bom acordar e saber que seu filme está disponível em 190 países! As demandas de um player sempre levam em consideração a qualidade técnica, originalidade,

diversidade. Espera-se que o produto atenda às expectativas do público e se destaque no cenário audiovisual. Competimos com títulos de todo o mundo e isso é muito motivador.

Que novas empreitadas te esperam?

Estou animado com as oportunidades que estão surgindo. A paixão pelo cinema é o que tem me guiado até aqui e estou determinado a criar histórias que ressoem no público e me desafiem artisticamente. Atualmente estou no desenvolvimento de dois projetos, um para o público jovem adulto e o outro, um projeto mais autoral. Eu quero continuar mantendo minha presença em diferentes gêneros. Já fiz suspense, drama, comédia, e quero continuar experimentando com estilos que me desafiem. Minha jornada está apenas começando e tem muita surpresa por aí.

CRÍTICA / FILME / O MELHOR ESTÁ POR VIR

O '8 1/2' de Nanni Moretti

Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Chora-se aos baldes com “O Melhor Está Por Vir” (“Il Sol Dell’Avvenire”), novo e deslumbrante exercício autoral do italiano Nanni Moretti à frente e por trás das câmeras. Tem picardia, tem doçura, tem até tabefe na cara da cultura do streaming. É o “8 1/2” dele, com ecos de Fellini.

É o melhor Moretti desde “O Quarto do Filho”, que rendeu a ele a Palma de Ouro de 2001. Sua excelência se impõe numa obra que ostenta joias como “O Crocodilo” (2006) e “Mia Madre” (Prêmio do Júri Ecumênico de Cannes em 2015). Celebrando 50 anos de carreira, Moretti inunda a telona de elegância assumindo o protagonismo de uma comédia triste com toques de musical. Vale lembrar como ele esteve bem, fora de sua própria filmografia, em “Caos Calmo”, indicado ao Urso de Ouro de 2008. A surpresa é o fato de seu regresso à telona se dar pelas vias do otimismo.

É necessária uma genealogia para que se entenda (bem) o lugar de “O Melhor Está Por Vir” – e sua trama sobre um cineasta às voltas com crises nos sets e em sua casa - na filmografia de um diretor sempre provocador. Na ativa desde a estreia das curtas “Paté de Bourgeois” e “La Sconfitta”, em 1973, Moretti foi a clareira que, pelas vias da ironia e da sátira política, manteve a grandeza do cinema italiano viva (e festejada) na década de 1980. Foi naquele momento, a partir de 1985, que começou a Idade Média midiática na qual Silvio Berlusconi (1936-2023), no comando parlamentar daquele país, sucateou a produção audiovisual de sua terra, a fim de valorizar mais a TV do que a telona. Estamos falando de uma terra de gigantes: Rossellini, De Sica, Fellini, Visconti, Antonioni, Pietro Germi, Pier Paolo Pasolini, Elio Petri, Lina Wertmüller, Valerio Zurlini... Tra-



Nanni Moretti (de barba ao centro) tem uma atuação primorosa no papel de um cineasta em crise em ‘O Melhor Está Por Vir’

ta-se de uma terra próspera na seara dos filmes de gênero, seja no terror (com o giallo de Dario Argento), no faroeste (com as macarronadas de Sergio Leone, Tonino Valerii e Sergio Corbucci) ou nos épicos de gladiador (o Peplum). É uma terra que minguou por um bom tempo, de 1986 a 2008, vendo suas fontes de fomento à produção cinematográfica escassearem. Até campeões de bilheteria como Carlo Pedersoli e Mario Girotti (conhecidos como Bud Spencer e Terence Hill) deixaram de fazer os longas da franquia “Trinity”, sob a guilhotina de Berlusconi, restando visibilidade a poucos cineastas.

Giuseppe Tornatore (com “Cinema Paradiso”) e Roberto Benigni (com “A Vida É Bela”) souberam flertar com as receitas da Academia

de Artes e Ciências de Hollywood. Resistentes do movimento moderno também se mantiveram firme, como o finado Bernardo Bertolucci, que foi fazer uma incursão pelo Oriente e filmar em outras línguas, e o até hoje imparável Marco Bellocchio, responsável pela joia “De Punhos Cerrados” (1965) e pelo enervante “O Traidor” (2019). Mas esses dois diretores são crias dos anos 1960. Moretti, não. Ele estreia nos longas em 1976, com “Eu Sou Autossuficiente”, que anda disponível no streaming Reserva Imovision. É, portanto, cria de uma outra Itália, desmobilizada da tradição e mesmo da revolução dos modernos do nuovo cinema de vanguarda. Mas, nem por isso, ele deixou de ser inquietante, como comprova o devastador “Tre Piani”, lançado por ele em

2021, e “O Melhor Está Por Vir”.

Candidato a cult nas telas brasileiras, o filme traz Moretti no papel do realizador de verve socialista Giovanni. No auge da feitura de um filme sobre a violência soviética contra a Hungria, nos anos 1950, vista sob a ética do Partido Comunista Italiano, Giovanni recebe golpes de onde menos espera, até da família. Além de sofrer com a falta de financiamento e com uma intervenção da Netflix (a quem ele trata com a mais abrasiva picardia), ele pode perder seu casamento, há muito desgastado. Sua mulher e produtora, Paola (Margherita Buy), já não tem mais paz na relação e perdeu a paciência com as vaidades de seu companheiro. Nesse momento, fato e fábula se misturam num embolado de ficção e de realidade em torno da rotina

profissional de Giovanni, reproduzida em cena com leveza e bom humor.

Seu roteiro é uma ímã de risos, mas também de reflexões sobre ideologias, as que desmancharam no ar e as que permaneceram. É uma cartografia afetiva doida e, ao mesmo tempo, redentora, apoiada na montagem cirúrgica de Clelio Benevento. À luz mansa da fotografia de Michele D’Attanasio, a fina edição de Benevento cerze com finesse um enredo em que Moretti se mostra confessional.

Recentemente, a já citada plataforma Reserva Imovision, disponibilizou filmes essenciais da formação da autoralidade de Moretti: “Ecce Bombo” (1981), “Sonhos de Ouro” (1983) e “A Coisa” (1990). Vale uma revisão de sua carreira.

SESC^{RJ} PULSAR 2023/24

Aproveite a última semana do ano para conferir as exposições de artes visuais do Edital Pulsar nas Unidades do Sesc RJ.

Entrada gratuita.



BREAKINGRAFIA: REGISTROS DE HIP HOP POR AMANDA BAR

Exposição que reúne uma documentação de competições de breaking e promovendo a importância da memória e da cultura hip hop.

Sesc Niterói: até 14/1/2024 | terça a sábado, das 10h às 17h



HÁ.MA

Conjunto de imagens de Kitty Paranaguá e Paulo Marcos de Mendonça Lima, que trata da relação entre o nosso corpo e os elementos.

Sesc Ramos: até 14/1/2024 | terça a domingo, das 9h às 18h



LABIRINTO PARTICULAR

A mostra reúne cerca de 20 obras produzidas pelo artista em seu atelier, seu labirinto particular.

Sesc Copacabana: até 28/1/2024 | terça a domingo, das 10h às 19h

CASA 34

O artista plástico Rick Rodrigues apresenta fotografias, objetos e fragmentos da casa dos avós paternos que foi vendida e demolida.

Sesc São João de Meriti: até 28/1/2024 | terça a sexta, das 8h às 20h, sábados, das 8h às 17h, domingos e feriados, das 8h30 às 17h30

OUTRACICLAGEM

Três artistas transformam o lixo em verdadeiras obras de arte, esculturas e objetos incríveis.

Sesc Nova Friburgo: até 14/1/2024 | terça a sexta, das 9h às 21h, sábados, domingos e feriados, das 9h às 18h

Acese o QR Code e confira a programação completa das unidades.



CRÍTICA / LIVROS

Última listinha de Natal

Por Olga de Mello

Especial para o Correio da Manhã

Desta semana não passa. Ainda tem amigo oculto, encontro da turma do pilates, confraternização dos ex-colegas da formatura do colegial até o encontro de família no dia 24. Nos sites de livrarias ou editoras, há ofertas que podem fazer a alegria dos leitores nos últimos momentos de 2023.

Especulações cinematográficas (Intrínseca, R\$ 89,90), de Quentin Tarantino, é para quem conhece cinema. No primeiro texto, as experiências de Quentin, que antes de completar 10 anos de idade, acompanhava a mãe e o padrasto para assistir filmes nada adequados à sua faixa etária — O poderoso chefão, Bullit, Domingo maldito, Klute, M.A.S.H. ou Ânsia de amar — demonstram o quanto a geração dos pais dos hoje sessentões nem sempre era zelosa com a moral e os valores tradicionais do american way of life. Os filmes de ação encantavam o menino, os que tratavam mais de novas posturas sexuais nem tanto. Análises muito pessoais a respeito de cineastas consagrados como Martin Scorsese e Francis Ford Coppola estão ao lado de loas a outros mais irregulares, entre eles, Brian de Palma e Peter Bogdanovich. Ao lado dos perfis de Steve McQueen e Clint Eastwood, estão lembranças do breve brilho do ator Barry Brown, que se matou aos 27 anos. A paixão pelo cinemão americano é intensa: Tarantino dispensa o mesmo ardor analítico a Taxi Driver e à Taberna do Inferno, que serve para escrutinar o sucesso e a maestria de Sylvester Stallone. Tudo num estilo apaixonado e reverente, como o próprio cinema de Tarantino.



A vizinha tunisiana (Tabla, R\$ 67,90), de Habib Selmi, discute aculturação, imigração e luta de classes no encontro de um professor e uma empregada doméstica, ambos vindos da Tunísia, em Paris. Kamal se mostra perfeitamente adaptado à vida em um bairro rico da cidade, onde fez estudos superiores de Matemática, embora continue sendo visto como um árabe pelos amigos e por sua própria mulher, francesa. Ao conhecer Zuhra, empregada doméstica que trabalha e vive em seu prédio, Kamal vai questionar seu olhar preconceituoso para a moça pobre e repensar suas raízes culturais.

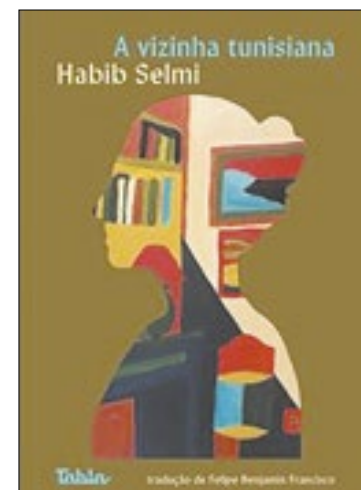
O bolo fofo e outros contos (Roça Nova, R\$ 81) reunindo uma seleção de três livros de Hebe Uhart, é o primeiro lançamento da autora argentina no Brasil. Conhecida como cronista de vidas comuns e coisas mínimas, Hebe Uhart se especializou em microcontos, novelas e crônicas de viagem. Sua “literatura de experiências” traz um raro estilo comedido, mas extremamente sensível.

Os rostos que tenho (Record, R\$ 59,90), livro póstumo de Nélide Piñon, traz 147 textos fragmentados que lembram a estrutura de um diário, descrevendo a passagem do tempo para escri-



tora. As recordações da infância e juventude, a identificação com as raízes culturais espanholas — de sua família — e brasileiras — o país de nascimento — se juntam a registros sobre a criação artística. O material inédito reunido mostra não apenas a dedicação à literatura, mas o olhar pessoal sobre o ofício de escrever e o mundo contemporâneo de Nélide, falecida em 2002, a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras. Até hoje, a representatividade feminina na instituição é tímida. Hoje, entre os 40 imortais, apenas quatro são mulheres.

O arrebatamento de Lol V. Stein (Relicário, R\$ 56), de Marguerite Duras, encantou leitores como Jacques Lacan, que, em 1965, escrevia: “Arrebatadora é Marguerite Duras, e nós, os arrebatados”. O romance narra as consequências psíquicas do abandono de Lola pelo noivo. Dez anos depois do episódio público do rompimento, um homem narra a história traumática da protagonista, apresentando quadros que misturam lucidez e delírios. Dez anos depois, um homem assumirá a narração de sua história traumática, trazendo à linguagem a fragilidade entre as fronteiras de luz e sombra, passado e presente, delírio e lucidez.



No site da editora 9 (<https://www.relicarioedicoes.com>), há ofertas de ‘combos’ de livros da autora com bolsas de pano e cadernetas, a preços interessantes.

Fotos: Divulgação

Correio da Manhã elenca quadrinhos imperdíveis para fazer a alegria nerd (e cult) deste Natal

Papai Noel, não esquece do meu gibibí!

Fotos Divulgação

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Prepere o bolso para este Natal se você for leitor de HQs, pois a enxurrada de novidades do setor para este fim de ano está imperdível, nas bancas, nas livrarias e na venda online. Ó...

SOCIAL FICTION: Recebida com pompas numa visita à UFRJ em 2017, a francesa Chantal Montellier é um ícone do feminismo no quadrinho e na pintura. Esta antologia da Comix Zone reúne três contos gráficos dela – “Wonder City”, “Shelter” e “1996” – idealizados e ilustrados entre 1976 e 1983, e apontados pela crítica como exercícios definitivos de sua investigação sobre a intolerância. Montellier foi premonitória em sua sociologia.

MAGALI - RECEITA: O incansável projeto Graphic MSP, baseado no legado de Mauricio de Sousa segue dando frutos. Neste álbum primoroso de Carol Rosetti, a faminta Magali decide cozinhar uma iguaria de sua bisavó. Mas, para isso, ela vai precisar da ajuda de seus amigos para buscar os ingredientes essenciais ao preparo do que pode ser uma guloseima.

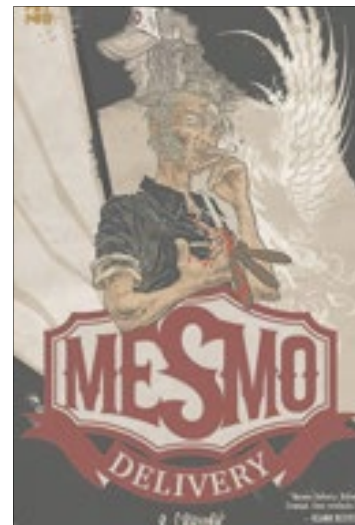
JUIZ DREDD OMNIBUS - OS CASOS COMPLETOS: Mais famoso vigilante das HQs britânicas, criado por John Wagner e Carlos Ezquerro nas páginas do almanaque “2000 AD”



nº2 (em 5 de março de 1977), o Jurista do Amanhã ganha uma pataca com suas melhores tramas. O volume lançado pela Myths Editora apresenta o primeiríssimo épico de Dredd, “A Terra Maldita”, escrito pelas lendas dos quadrinhos Pat Mills (de “Sláine, o Deus Guerreiro”), e John Wagner (“A History of Violence”), ilustrado por Mike McMahon

(“Guerreiros ABC”) e o deus das artes gráficas Brian Bolland (“Batman: A Piada Mortal”).

PERDAS: Um desabafo devastador de Di Gomes feito para o Projeto Narrativas Periféricas da Ed. Mino. A trama começa quando o carro do protagonista, Dani, é atingido por um caminhão. Ele acorda sem a esposa Júlia e passa a ser carregado por um ser místico pelas memórias



de seu relacionamento, que ele agora reviverá de ângulos inéditos e dolorosos.

O MONSTRO DEBAIXO DA MINHA CAMA: Arrebatador exercício gráfico de denúncia contra violências domésticas na infância, este álbum de Lucas Iohanathan, egresso de Mossoró (RN), saiu online em 2020, antes de ganhar espaço em papel, pela Ed. Pipoca & Nanquim. Sua trama acom-

panha a trágica de Lucy, uma garota solitária que, dia após dia, precisa suportar os abusos do próprio pai e a omissão da mãe. Pouco a pouco, o comportamento dela começa a mudar, exibindo sinais preocupantes de crueldade. Mas o que se esconde por trás desse desvio de conduta é um conflito interno com a inocência causado pelo trauma, que distorce a realidade e faz com que a garota se perca em um mundo de fantasia.

MESMO DELIVERY: Em critérios de excelência plástica, o quadrinho brasileiro se divide em antes e depois deste álbum coroadado com o Eisner, que fez de Rafael Grampá um astro editorial, atualmente envolvido com as HQs do Batman. Na trama, um imitador de concursos de Elvis e um ex-boxeador se encontram pela primeira vez num caminhão. O trabalho dos dois é transportar uma misteriosa carga para a empresa Mesmo Delivery. Quando estacionam num velho posto de gasolina no meio do nada para abastecer, o que deveria ser apenas uma parada se transforma num pesadelo. Cerca de uma década depois da publicação original, a ed. Mino traz o álbum de volta ao Brasil em uma edição definitiva de luxo, com prefácio de Brian Azzarello, entrevista com Grampá, insights no processo de criação e dezenas de sketchbooks originais.

RAIZ AMARGA - VOLUME 1 NEGÓCIOS EM FAMÍLIA: É um golaço da Alta Geek trazer este ensaio contra posturas intolerantes para o Brasil, com as grifes dos escritores David F. Walker e Chuck Brown, do desenhista Sanford Greene e do colorista Rico Renzi. Em suas páginas, somos levados à década de 1920, a um período no qual criaturas demoníacas se materializam nas ruas do Harlem. Conhecidos como os maiores caçadores de monstros de todos os tempos, o clã Sangerye se especializou em curar as almas de seres monstruosos, infectados pelo ódio, mas esses dias de combate deles estão acabando. Uma terrível tragédia ceifou a maior parte daquele grupo, deixando os primos sobreviventes divididos entre curar diabos ou matá-los.

Paulo-Roberto Andel

Um pouquinho de arte

Em plena madrugada escuto músicas com as participações de Maurice White, Nicolette Larson e Scott Weiland. Cada um de um tempo, uma década.

Maurice White foi o rei negro do funk. Sua banda e criação, o Earth, Wind & Fire, ainda toca pelo mundo afora. Seus arranjos de metais estão entre os mais intrincados de toda a black music.

Dependendo da foto, Nicolette Larson podia ser bonita ou linda demais. Sua voz está em tantos e tantos registros belos. Um deles é com Christopher Cross, em "Say you'll be mine".

Scott Weiland era A voz. Quando disparou seu raio de trovão em "Plush", o mundo inteiro parou para ouvir. Eu fiquei eletrizado. Ao mesmo tempo em que coisas ruins aconteciam comigo naquela época - e não foram poucas -, havia outras boas. A música era uma efervescência. Os Stone Temple Pilots fizeram dois excelentes álbuns e seguem tocando a vida, mas assim como a bela Nicolette, Scott se mandou cedo demais. Aprontou muito, um dia a conta veio.

A arte registrada precisa ser séria, comprometida, vibrante. Livros, discos, telas, instalações. É o caso dos três acima: são artistas mortos mas suas artes permanecem com muita força. Maurice e Nicolette tiveram grande força nos anos 1970, Scott nos 1990, e todos podem ser bem ouvidos no YouTube e outras plataformas com enorme qualidade.

Sinceramente, eu não sei quanto tempo vou aguentar dormindo duas horas por noite, mas pelo menos a música acalma, traz lembranças boas, ajuda a esquecer que a vida hu-

mana está marcada pela hipocrisia e o descaso. A arte eleva os corações, não resta dúvida.

Cinco da manhã, já está clarinho, o ano está acabando e parece que o mundo também. Hoje é sábado, não tem jogo, fica um certo vazio e vou tentar cochilar um pouquinho daqui a pouco.

II

Dez horas depois, resolvi fazer o que não fazia há anos: ouvir música no rádio.

Melhor dizendo, na TV. Há vários canais, cada um com um estilo diferente.

Comecei pelo jazz, mas achei que havia standarts e obviedades demais. Não que não fosse bom, mas é que já ouvi demais. Escutei uns seis temas e resolvi mudar.

Rock clássico. É, eu era tão garoto outro dia e agora ouço rock clássico, de 30, 40 ou 50 anos. Não me deixo abater por qualquer etarismo: foi e é bom demais.

Em pouco tempo, batem à porta sonora "This is not America" com David Bowie, "Afterglow" do Genesis, "Passion" com Rod Stewart e "Fake plastic trees" do Radiohead. Fui e voltei nos tempos. O de escoteiro, o do começo da faculdade, a adolescência. O tempo dos LPs na casa do saudoso Fredão com o também inesquecível Luiz Magno. As garotas no sofá da sala escutando música encostadas nos nossos ombros.

Então vem o Soul Asylum com "Runaway Train" e só de pensar nos anos 1990 me vem uma pequenina lágrima de alegria. Tudo aquilo está distante para sempre, mas basta tocar uma canção e logo você se lembra de toda uma época.

Amor e gratidão a Cássia Eller no palco

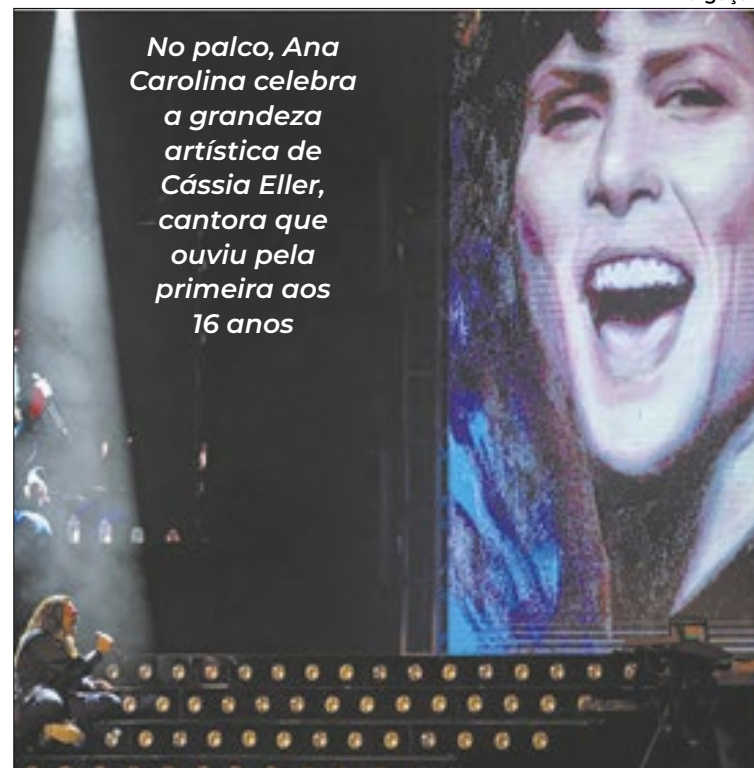
Ana Carolina volta ao Rio com show da aclamada turnê que celebra o repertório da inesquecível cantora morta em 2001

Por Affonso Nunes

Estranho seria se alguém não se apaixonasse por Cássia Eller. É com esse espírito que uma das mais consagradas cantoras do país sobe ao palco para celebrar o repertório da saudosa artista que completaria 61 anos no último dia 10. Pois é. Ana Carolina se veste inteiramente de fã para cantar os incontáveis sucessos eternizados pela voz da até hoje inigualável Cássia. O show da turnê "Estranho Seria Se Eu Não Me Apaixonasse Por Você - Ana Canta Cássia" volta ao Rio, no palco do Vivo Rio, nesta sexta-feira (22), a partir das 22h.

Morta precocemente em 29 de dezembro de 2001, aos 39 anos, após um infarto do miocárdio - causado por uma malformação de seu coração -. Cássia Eller é seguramente umas das maiores perdas da MPB deste século. Com sua voz potente e timbre único, a cantora dominava vários gêneros, do rock e blues ao jazz, passando baladas e ritmos essencialmente brasileiros como o baião e o coco e o samba de roda. Uma obra complexa, mas de vários sucessos.

Para chegar no repertório, Ana Carolina estudou a extensa discografia da cantora por meses até chegar num setlist ideal que retratasse a



No palco, Ana Carolina celebra a grandeza artística de Cássia Eller, cantora que ouviu pela primeira aos 16 anos

Divulgação

grandeza de Cássia Eller. "Tocamos as versões originais à exaustão para entender minuciosamente cada uma delas. Só aí que começamos a repensar em arranjos, para trazer uma releitura que conversasse comigo e que não renunciasses o DNA de Cássia em nenhum momento", destaca.

Mais do que cantar o repertório de Cássia, Ana fará uma viagem pessoal no tempo. O show é uma conexão direta com a jovem garota mineira, que aos 16 anos ouviu Cássia Eller pela primeira vez, apaixonou-se e nunca mais deixou de ser fã de camiseta, como se define. Era "Cássia Eller - Disco 1", álbum de estreia da cantora carioca, e até hoje um dos prediletos de Ana. O impacto foi imediato.

"Eu tive a certeza naquele momento que aquela voz potente vinha pra ficar pra sempre e que jamais haveria outra igual", relembra Ana Carolina.

"São sentimentos muito contraditórios quando penso neste show. Primeiro, jamais imaginei que seria possível um dia poder cantar o re-

pertório da Cássia. Obviamente era um sonho íntimo, desde antes do início da minha carreira", comenta. "Quis o destino que esse projeto surgisse e fosse sugerido justamente para mim", diz Ana Carolina, referindo-se à turnê iniciada no ano passado por ocasião dos 60 anos de Cássia.

"Dentro do meu universo, espero com essa turnê retribuir de alguma forma todo o carinho e acolhimento que recebi da Cássia. Meu desejo é que essa obra e artista tão potentes se

mantenham vivas, conheçam novos públicos e que permaneçam sempre no imaginário do brasileiro. Cássia merece todo nosso amor", observa.

SERVIÇO

ESTRANHO SERIA SE EU NÃO APAIXONASSE POR VOCÊ - ANA CANTA CÁSSIA
Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo)
22/12, às 22h
Ingressos entre R\$ 100 e R\$ 420

Letrux solta os bichos para cantar sentimentos humanos

Cantora e compositora leva canções de sua 'Mulher-Girafa' ao palco do Circo Voador

O trabalho mais recente da inventiva Letrux é uma leitura abrangente do reino animal. Em "Letrux como Mulher Girafa", a artista múltipla pensa sobre os bichos e vai além, apresentando novas formas para se entender o mundo em que vivemos e tantas vezes esquecemos que somos animais também. Seu show com o repertório do disco lançado em junho chega ao Circo Voador nesta sexta-feira (22), a partir das 22h, com a DJ Bruna Beber abrindo os trabalhos de uma noite que promete ser animalesca.

Por ter 1,85 metro de altura, Letrux tem uma girafa tatuada no corpo, o que de certa forma explica o nome do álbum, mas a artista vai além. "Eu sempre tive essa curiosidade com o reino animal, desde a época de colégio, e com documentários sobre a vida animal. Nunca achei que isso fosse menor do que um filme do Godard - isso é arte ou isso não é arte? Um documentário sobre insetos, para mim, era tão interessante quanto um filme do Truffaut", defende.

“Os animais sempre estiveram presentes nas minhas composições, agora foi só a hora de organizar essa bicharada toda”

Letrux



Divulgação

Desde a época em que tocava na banda Letuce, seu projeto com o músico Lucas Vasconcellos, até seu primeiro disco solo como Letrux, as letras de Letícia Novais - nome por trás da alcunha artística - se remetem ao tema: "Ballet da Centopeia", "Medo de Baleia", "Darwin's Fairy Tale" e "Além

de Cavalos". "Os animais sempre estiveram presentes nas minhas composições, agora foi só a hora de organizar essa bicharada toda", observa.

Letrux atribui a inspiração de dedicar um álbum inteiro aos bichos à sua saída do Rio durante a pandemia. "Eu fui morar numa casa no mato. E foi a primeira

vez que tive um animal doméstico, um gato. Entrava gambá na casa. Eu ia nadar na lagoa e passava um peixe gigante do meu lado."

A casa a que se refere, situada em São Pedro da Aldeia, na Região dos Lagos, é mostrada de forma íntima no mais recente filme do diretor Marcio Debel-

lian, "Letrux - Viver é um Frenesi", que retrata a artista em seu período de isolamento. E chega também na sensação de perda, acentuada pela morte de uma irmã aos 19 anos.

Além de toda a tensão que a pandemia foi capaz de provocar, "Letrux como Mulher Girafa" traz ainda os reflexos das incertezas inculcadas ao meio artístico pela última gestão do governo federal. Tempos em que o fazer cultura foi agredido de forma sistemática. Uma das faixas que Letrux considera representativa desse período é "Formiga". Além desta, Letrux canta "Zebra", "Louva Deusa", "Leões", "Hiena", "Abelha" e "Aranha".

Suave e tragicômico

O humor, ainda que irônico, é outra particularidade das músicas e da performance de Letrux. "Gosto desse equilíbrio muito suave que tem no tragicômico. Vou falar verdades profundas, mas por que não dar uma gargalhada enquanto se fala uma verdade profunda?", indaga. "Vou fazer uma música boba, mas, por que não, do nada, ter uma frase que corta o coração? Acho que sempre vou querer buscar isso nas minhas composições", continua.

Não à toa, o disco pode ser ouvido como se estivéssemos lendo uma fábula de Esopo, recheada por alegorias e brincadeiras com ditos populares, o que a própria artista confirma. "Minha cabeça funciona mais como escritora do que como cantora. Eu me utilizo da música junto com outros artifícios e acho que o maior que eu tenho é saber escrever. Quando eu faço um disco, eu procuro esse entendimento quase de um livro", explica.

SERVIÇO

LETRUX COMO MULHER GIRAFA

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)
22/12, às 22h

Ingressos entre R\$ 70 (meia) e R\$ 180

Por Aquiles Rique Reis*

E Chico Lobo chegou aos sessenta anos! Quarenta deles dedicados à viola e às modas. Delas tornou-se amigo. Confidente atento aos seus desejos. Deu-lhes personalidade e amor. Fez-se íntimo. Parceiro de vida. Amante fiel e respeitador. E as trata como rainhas que são e sempre serão. Dá-se através delas e para elas. Tocando e criando, abre-se ao mundo. E assim, juntos, ganham a vida em folias, catirras, modas e batuques, através dos quais a viola ponteia, revelando sua história em construção.

Com produção musical e arranjos de Ricardo Gomes, que tocou baixo, violão, teclados e fez vocais, além de cinco outros instrumentistas, ficou garantido o apoio para que Chico Lobo recebesse quem o admira em Chico Lobo 60 Anos (Kuarup).

A tampa abre com “Benvirá” (<https://youtu.be/tf5kMvK0UB-g?si=rGYtZuc9FXz9>), cantiga au-

toral com letra engajada, inspirada no disco “Das Terras do Benvirá”, de Geraldo Vandré, e que teve a participação do MPB4 (honraria a nós concedida). Em duo com Zeca Baleiro, a balada “Hoje Amanheci em Paz” (CL) reflete o estado de espírito do sessentão. “Viola, Verso e Canção” (CL e Jorge Nelson) é um batuque mineiro que lembra uma chula do recôncavo baiano e tem participação de Roberto Mendes.

“Vida Bela” (CL) é a história do amor entre Chico e sua esposa Angela Lopes, que conta com a voz do cantor paulista Tuia. “Alma Barroca” (CL e Thales

Martinez) é uma canção em que Chico expressa gratidão à vida, e tem Renato Teixeira a dividir o canto com ele. Em “Meu Primeiro Amor” (<https://youtu.be/2M-JIi-u5TY?si=M0cka5T-zk7pc5bXJ>), de Hermínio Gi-

composta para louvar as belezas de Minas, e Lobo convidou o guitarrista Cláudio Venturini para tocar com ele. “Trovador de Sonhos” (CL), cujo título define a sua “sina”, tem participação do parceiro e amigo Renato Boechat

menez, José Fortuna e Rafael Hidalgo, única composição que não é de CL, temos Maria Bethânia cantando com ele. Emoção pura.

Chico escreveu a letra para uma melodia que considera ser uma “rapsódia caipira”, “Violas de Minha Terra Canção” (Marcus Viana e CL), na qual um arranjo exemplar juntou sua viola ao violino de Marcus Viana. “Nascente do Rio” (CL) foi

em novo arranjo com violinos (Marcelo Fonseca) e vocal de Gih Saldanha – bela é a sorte do violeiro que tem a glória de ser um cantor do mundo.

“Frutos da Terra” (CL) / “Lírio Roxo”, música tradicional do Alentejo, foi adaptada pelo português Pedro Mestre, que a canta com Lobo. “Roçado” (CL e Marília Abduani) tem a festa das folias e reisados como tema – bateria e percussão soam, enquanto o tocantense Genésio do Tocantins canta com Lobo. “Harmonia” (CL) é uma bela toada caipira, feita por Chico para homenagear Rolando Boldrin – para tanto, chamou a dupla Élcio Dias & Amorim. O resultado é encantador.

A tampa fecha com “Filho É Feito Pro Mundo”, composta por Chico para seu filho Tomás. Amor absoluto e sincero, digno do talento de um violeiro (en) cantor de sonhos.

*Vocalista do MPB4 e escritor

O (en)cantador de sonhos

Divulgação



ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Gilsons em Bangu

Depois de rodar pelos palcos da Europa, os Gilsons - grupo formado por José Gil, Francisco Gil e João Gil, respectivamente filho e netos de Gilberto Gil - apresentam o show da turnê “Pra Gente Acordar” pelo subúrbio carioca. O trio estará mostrando seu trabalho na Areninha Carioca Hermeto Pascoal (Praça Primeiro de Maio, Bangu) nesta sexta-feira (22), a partir das 21h. Ingressos a R\$ 30 e R\$ (compra antecipada).

Mariele Rodrigues/Divulgação



Milito toca Lyra

O pianista Osmar Milito, craque da Bossa Nova, une-se à cantora Luana Mallet nesta sexta-feira (22), às 20h, para celebrar a obra de saudoso Carlinhos Lyra, ícone da Bossa Nova, morto na última semana, aos 90 anos. No repertório, clássicos de sua autoria como “Coisa Mais Linda”, “Influência do Jazz”, “Minha Namorada” e “Maria Ninguém”. Blue Note (Av. Atlântica 1.910, Copacabana). Ingressos de R\$ 90 e R\$ 120.

Reprodução YouTube



Bethânia & Tim

Estrela gigante da MPB, Maria Bethânia se apresenta nesta sexta-feira (22), às 21h na Arena Jockey (Praça Santos Dumont, 31 - Gávea). A cantora recebe Tim Bernardes, jovem cantor e compositor de quem a artista baiana tem gravado canções em seus últimos álbuns. O encontro musical dos dois num palco deu-se pela primeira vez no festival Vozes do Amanhã, realizado em outubro. Ingressos esgotados.

Divulgação



Orgia musical

Verão torando, festas de fim de ano chegando e o Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa) entrega neste sábado (23), a partir das 21h, uma dobradinha explosiva pra não deixar ninguém parado: o encontro do Monobloco (foto) com o pessoal do Samba Independente dos Bons Costumes. No repertório tem samba, MPB, pop, funk e muito carnaval. Antes e depois dos shows, rolam os sets da DJ Nicolle Neumann.

Lina Nunes/Divulgação

Nascido em São Gonçalo, Thiago Soares ocupou o posto de primeiro bailarino no Royal Ballet durante 16 anos

Gala de Natal com o aclamado Thiago Soares

Renomado bailarino brasileiro se apresenta neste sábado do Teatro Multiplan



Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

Thiago Soares reinou como primeiro bailarino no Royal Ballet, a mais importante companhia de ballet do Reino Unido, durante 16 anos. Nascido em São Gonçalo e criado no bairro de Vila Isabel, no Rio de Janeiro aos nove anos, começou a frequentar a Escola de Circo, onde encontrou na acrobacia e atuação as primeiras experiências de sua arte.

Vivendo um momento de proeminência, ainda no circo,

Thiago foi encorajado a buscar uma escola de dança para aperfeiçoar seus movimentos no breakdance e hip-hop.

Aos 17 anos passou a integrar o corpo de baile do Teatro Municipal. Nesse mesmo ano, conquistou a Medalha de Prata no Concurso Internacional de Dança de Paris. A partir daí sua carreira foi um foguete rumos aos céus da dança.

Em 2001, ganhou o ouro no Concurso Internacional do Ballet Bolshoi, na Rússia, e conquistou a medalha de ouro, disputada entre mais de 270 candidatos. Convidado a estagiar no Balé

Kirov, tornando-se o segundo estrangeiro a integrar a companhia. No ano seguinte, foi convidado a integrar o corpo de baile do Royal Ballet de Londres, onde se tornou primeiro solista.

Coreografado pelo bailarino Thiago Soares, o espetáculo “Duets in Concert” conta com a participação de Natalia Pelayo, primeira-bailarina do Teatro Colón, de Buenos Aires; Marcela Marialva, porta-estandarte do Boi Caprichoso; Luciano Magalhães, pianista; e Geilson Santos, tenor lírico.

Thiago propõe homenagem às artes como elemento de comu-

nicação entre povos de diferentes etnias que formaram o DNA das diversidades culturais presentes no mundo hoje, do homem nativo ao mundo contemporâneo.

A montagem promove um verdadeiro dueto entre a música e a dança. A dança não ocorre sem a música, ela é uma reação aos sons que a música suscita, um diálogo aberto algumas vezes como provocação, outras como conclusão, em várias nuances que retratam as relações humanas. A magia desta apresentação clássica e moderna está na disputa entre o casal de bailarinos e o pianista.

Um respiro de muita paixão para as celebrações de fim de ano.

O programa musical conta com as obras “In a Landscape”, de John Cage; “Tango”, de Igor Stravinsky; “Coração que Sente” e “Fon-Fon”, de Ernesto Nazareth; e “Mazurka in Glissando”, de Ernesto Lecuona, entre outras.

SERVIÇO

DUETS IN CONCERT
Teatro Multiplan - VillageMall
(Av. das Américas, nº 3.900, piso SS1, Barra da Tijuca)
23/12, às 20h
Ingressos entre R\$ 90 e R\$ 300:

Divulgação

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

No dia 19 de dezembro, Aniela Jordan publicou esse post na rede LinkedIn, que traduz a sua visão de mundo como a mais ativa produtora nas artes performáticas do Rio de Janeiro.

“Hoje é um dia especial. Vamos comemorar os 15 anos de Aventura justamente no Rio de Janeiro, onde tudo começou. Ao lado da equipe, construímos um know how de arte e produção que se adequa ao formato dos espetáculos, sejam eles musicais, óperas ou quaisquer outros estilos. A empresa foi e ainda é uma precursora, que continua na vanguarda da economia criativa. Felizmente, fazendo um balanço, de lá pra cá o mercado nacional evoluiu muito e hoje há um verdadeiro ecossistema de musicais”, diz a postagem.

Aniela diz ainda que sempre buscou um parceiro estratégico-comercial. “E a vida me presenteou com a amizade do Luiz Calainho, com quem fundei a Aventura. É um privilégio contar com você nessa jornada, promovendo a arte e a cultura brasileira”, continua.

Leonina, duas filhas, dois netos, Aniela desde cedo se envolveu com o mundo das artes. Estudou em Paris, resolveu estudar Matemática na PUC, mas formou-se em Administração na Cândido Mendes. Desde cedo participou do ballet de sua irmã Dalal Achcar, participou de uma montagem do Cavalinho Azul no Tablado como produtora, atriz e iluminadora.

Em um caso raro de carreira começou como iluminadora no Theatro Municipal, em um momento que não havia iluminadores. “Eu era jovem, mulher e tinha que dialogar com todos aqueles técnicos”, recorda.

Com as companhias estrangeiras servia de intérprete e participava da iluminação. “Tudo foi empírico. Aprendi muito e com isso já não existia mais a menina para equipe”, pontua Aniela.

No Municipal foi coordenadora técnica, diretora opera-



Aniele Jordan:
‘Aprendi a delegar e ser menos controladora’”

A aventureira que atracou no porto certo

Conheça a trajetória de Aniela Jordan que migrou da matemática para a gestão cultural, tornando-se uma das produtoras mais bem sucedidas do país

cional, montou o departamento de produção, aprendeu o processo de produção, marketing, imprensa.

Aniela enfatiza que teve a chance na vida de aprender tudo no maior teatro do Brasil, com as maiores companhias estrangeiras, aprendendo. “Trabalhei igual

uma maluca em uma idade que a gente trabalha muito, com duas filhas. Ninguém no Brasil teve essa oportunidade”, destaca.

Em 2002, criou a sua própria empresa. Recebeu a tarefa de montar a ópera “Candide”, de Leonard Bernstein, baseada no romance homônimo de Voltaire.

Como Deus ajuda a quem madruga, precisando urgente de um tradutor, conheceu Claudio Botelho e o resto é história. Reabriu o Carlos Gomes com a “Ópera do Malandro”, de Chico Buarque, em temporada de casa cheia por mais de um ano. Entendeu que o musical era um gênero de sucesso.

Em 2008, viu que o momento era de crescer, mercado maduro, criou a Aventura com André Calainho, reabriu o Teatro Casa Grande. E assumiu o papel de show runner, o produtor que cria, participa, escolhe o elenco, dá o tom. Em 10 anos foram mais de 40 musicais, com ênfase também nos musicais brasileiros concebidos por sua própria equipe. A Aventura assumiu os Teatros Riachuelo, uma obra insana”, com diz Aniela, pois o antigo Cinema Palácio estava totalmente destruído.

Ter também o Teatro Prudential (antigo Adolpho Bloch) é para Aniela uma enorme emoção: “Lá naquele palco vi ‘Pippin’ pela primeira vez. Gostei tanto que fui assistir 35 vezes. Nem me cobravam mais”, diverte-se.

Hoje, tem novas prioridades. A começar pelos dois netos e consegue afirmar “aprendi a delegar e ser menos controladora”. É vista pelos seus parceiros como um produtora que ouve, sugere, cria. “Quando fomos fazer ‘Romeu e Julieta’, sugerimos as músicas de Marisa Monte, ela topou na hora. Em ‘Vozes Negras’ logo indicou o formato de seriado”, fala Gustavo Gasparani diretor de sucessos como “Bem Sertanejo”.

A criação da Ecovilla, dentro do Jardim Botânico, em 2022, um centro cultural com salas de aula, espaço para crianças, mostra mais uma vez a força criativa de Aniela. Inaugurando o horário adulto, acoplou um vale night - atividades supervisionadas para crianças enquanto os pais assistiam à peça de Pedro Cardoso.

Ela tem a vontade de ter um teatro em São Paulo, continuar a coordenar a equipe de 130 pessoas que é empenhada, trabalha muito. Agora, como já fez muitas coisas, produziu escola de samba, festival de ópera em Manaus... Sua equipe, assim como ela, é composta de aventureiros de alma. “Consegue trabalhar no futuro, no pensamento, no planejamento e no dia a dia”, elogia.

Essa é maior a Aventura de Aniela. Ir da Matemática à Gestão Cultural; ir da mesa de luz para produzir só sucessos.

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Gustavo Gasparani é de Gêmeos, casa 3 da Comunicação, regida por Mercúrio. Mercúrio é um dos planetas mais versáteis e influentes, representando a comunicação, a inteligência e a forma como processamos informações. Dessa forma, ele interfere na maneira como expressamos nossos pensamentos, como aprendemos e como nos comunicamos com o mundo ao nosso redor.

Por conta do signo pode até ser, mas é o seu talento, conhecimento, trabalho e dedicação nas artes performativas – canta, dança, representa, escreve, dirige – que faz desse carioca, nascido em Botafogo e criado no Leblon, atravessar fronteiras e integrar tudo na sua produção seja ela teatro, show, programas de TV e como passista da Estação Primeira de Mangueira.

Influência rural

Gustavo conta da enorme influência que sofreu das férias passadas na fazenda da família em São Paulo. “Até 17 anos pensei em ser veterinário. Ao contrário de ficar na piscina, acordava às quatro da manhã e ia para os estábulos trabalhar. Meu melhor amigo era o filho do gerente da Fazenda”, conta Gustavo.

Esse contato tão próximo, tão real foi o que emergiu na obra “Bem Sertanejo”, a jóia musical estrelada por Michel Teló com as maiores e lindas canções que retratam o Brasil profundo, rural.

Gustavo lembra que ter estudado no Colégio Andrews foi decisivo para fazer teatro. “O Andrews foi importante na confirmação do meu desejo. Desde os três anos minha avó me levava ao teatro. Eu comecei a fazer teatro antes de aprender a escrever, a nadar ou outra língua. No primeiro ano Científico, eu estava com 14 anos e pude entrar no teatro do Andrews, onde o Miguel Falabella dava aula. Minha turma era especialmente inspirada, muitos deles são pessoas bem -sucedidas.”

Faziam parte dessa turma Drica Moraes, Marcelo Olinto e Bel Garcia, seus sócios na Companhia dos Atores. Também Cesar Augusto

A versatilidade em pessoa

Nil Caniné/Divulgação



Gustavo Gasparani em 'Como Não Posso Ser Montgomery Clift?'

Nil Caniné/Divulgação



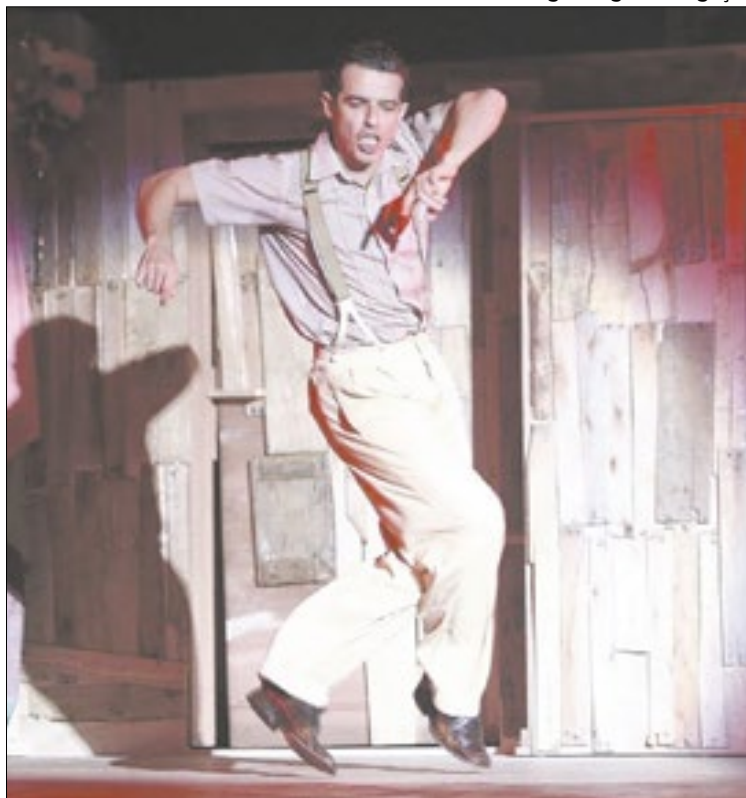
O ator em cena no monólogo 'Ricardo III'

Guga Melgar/Divulgação



As Mimosas da Praça Tiradentes

Guga Melgar/Divulgação



Cantando e dançando em 'A Lei do Cão'

que era do Princesa Isabel, mas vivia no Andrews. Marisa Monte também foi contemporânea junto com Edgar Amorim, Felipe Martins, Solange Padilha, Luciana Braga, que mesmo mais à frente continuam próximos.

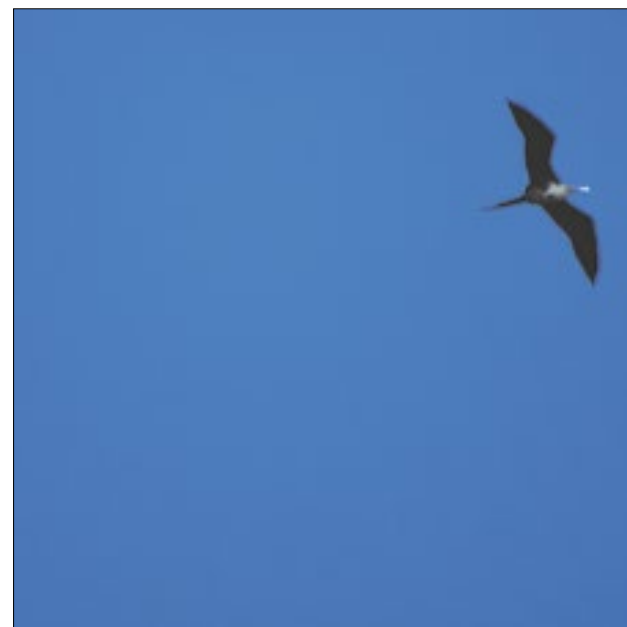
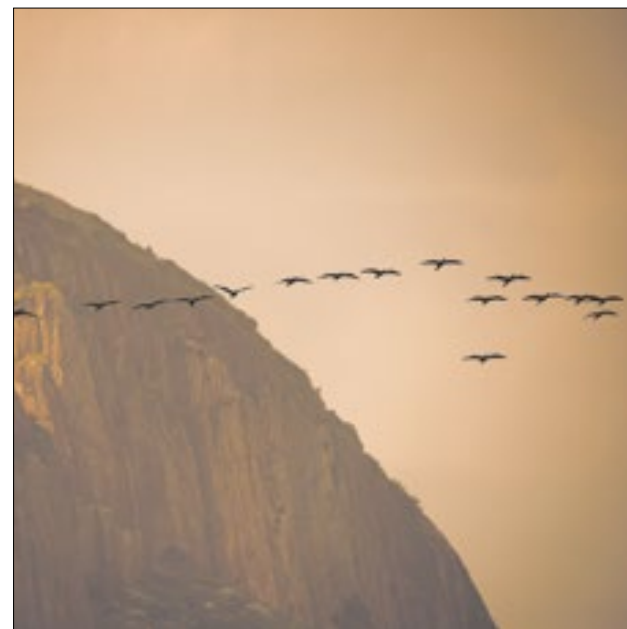
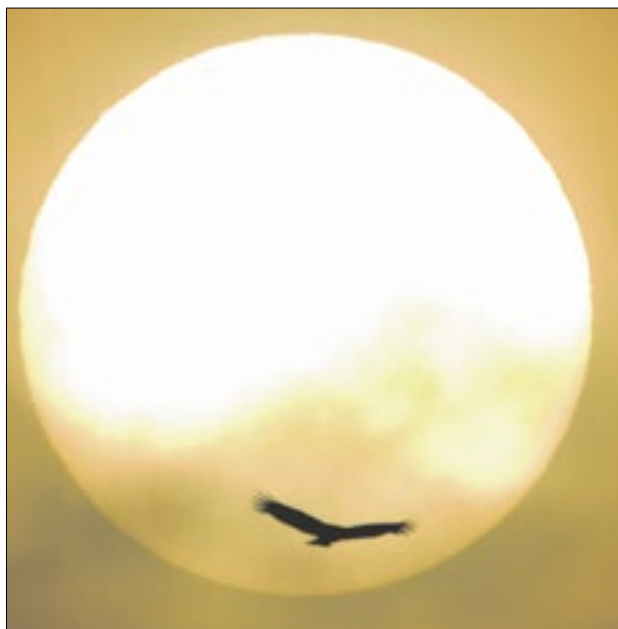
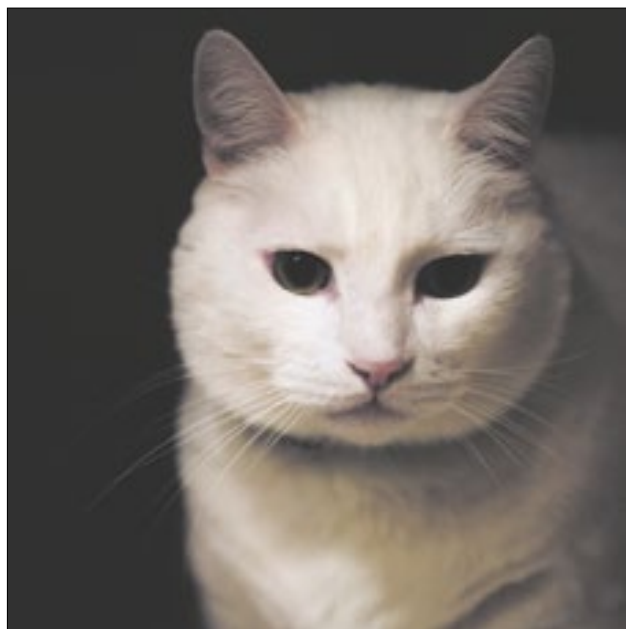
Capacidade de misturar

A proximidade com o popular, a paixão pelo samba, pelo Brasil, pela música, pelo teatro fizeram de 2023 um ano exemplar de um carreira de 42 anos, cujos sucessos sempre foram trazer à tona essa capacidade de misturar. Enquanto Otelo da Mangueira trouxe a tragédia ao dia-a-dia da favela, este ano “Julio Cesar - Vidas Paralelas”, transforma o texto em um manifesto pelas dificuldades de relacionamento em todos os quadrantes.

“Ricardo III” em que Gustavo representa em solo a tragédia shakespeariana esse ano foi substituída por “Como Posso Não Ser Montgomery Clift?”, do dramaturgo espanhol Alberto Conejero López que, a partir dos dramas pessoais do astro hollywoodiano, retrata, em uma interpretação emblemática, os conflitos do artista na carreira, na homossexualidade, na relação com a mãe, tudo aquilo que se deseja revelar e há que se esconder.

Com mais de 60 espetáculos como ator, autor, diretor, produtor e escritor, com formação em canto e dança, Gustavo Gasparani ganhou muitos, muitos prêmios, em 2023 também dirigiu o Premio Inspira Rio da Band News e o novo show de FaFá de Belém, “A filha do Brasil”. Gustavo traz, em si, as raízes que o fazem esse artista Rei Midas, pois tudo o que toca vira mais do que sucesso. São trabalhos que se tornam memoráveis, pelo cuidado em cada detalhe.

E como sempre é a plateia que ganha presentes de Gustavo, em junho, teremos a volta de Vozes negras - a força do canto feminino, o espetáculo que mais uma vez ousou, ao nos apresentar em seis capítulos a presença das mulheres na música brasileira. E que venham mais projetos, Ricardo, e que você continue a ser aquele artista que une o melhor de dois mundos: arte/cultura e valores brasileiros.



SEGUNDA PARTE

(...continuação)

Com todo respeito aos equinos, mas o homem vem se mostrando uma mula, um burro, um asno tal a quantidade de equívocos tomados para com a natureza. Derruba a floresta para ficar sem sombra e, ao pegar sol, se tornar um camarão?

O homem se faz vaquinha de presépio, balançando o badalo a tudo que dizem, fazendo estilo de onde a vaca vai, o boi vai atrás. Alguns, de tão mão de vaca que são, chegam ao absurdo de se expressarem contrários à preservação “mesmo que a vaca tussa”.

Toma decisões a passos de cágado, lesmas ou tartarugas,

mantém a boca fechada como siri para as grandes verdades, dá passos para trás como caranguejo. ‘Arre-égua’, quer ser cabra macho e não protege seu bem mais precioso. Cai como um pato, vê que está dando zebra, mas insiste, se acha forte como um touro, mas, é frágil como a asa de borboleta ou um passarinho indefeso no ninho, lobo em pele de

cordeiro deixado para cuidar do galinheiro.

É ovelha desgarrada em suas atitudes, sarcástico, faz como o jacaré que, em rio de piranhas, nada de costas. Tem minhocas na cabeça e sangue de barata. É teimoso como uma mula. Pensa que acerta na mosca, mas, na verdade, come mosca.

A natureza está cobrando sua

insensatez, está uma onça com o homem. Quando o ser humano vai acordar da hibernação? Abrir seus olhos de peixe morto, deixar de lado o complexo de vira-lata e de patinho feio?

Não dá para ficar na lagoa de cócoras junto aos sapos que não lavam os pés, não dá para engolir-los, são dose para elefante com engasgo certo do mosquito. Não

dá para continuar sendo abelhudo, pulando de galho em galho como macaco de circo gritando: “macacos me mordam”. Cada macaco fica em seu galho como num grande auditório, isso é fato, mas, não há possibilidade de se quebrarem os galhos? Afinal, quem quebra galho é macaco pesado.

Do jeito que as coisas caminham, não haverá um pássaro na mão... pior: nem voando!

Que o homem se torne rápido como um gato e bom ‘pra’ cachorro. Acorde para o futuro, proteja a natureza. Que a convenção da bicharada volte a acontecer.

Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu e a natureza! Viva o bicho-grilo!

Convenção da bicharada

Saiba onde encomendar as melhores opções do doce para as festas de fim de ano

Por Natasha Sobrinho
(@restaurants_to_love)

Especial para o Correio da Manhã

A rabanada é daquelas receitas que, quando chega as festas de final de ano, é um dos itens mais desejados dos menus das ceias. Com ingredientes fáceis de ser encontrados, preparo simples e sabor é irresistível, o doce natalino ganhou diversas versões, desde sabor de torta basca até opções recheadas e com calda. Confira abaixo o roteiro que o Correio da Manhã preparou para você:

Artesanos Bakery - A sugestão são os kits de rabanadas de brioche francês assadas em forno de lastro, cremosas, feitas com brioche artesanal e bem molhadinhas (10 unidades R\$ 79, 20 unidades R\$ 149 e 30 unidades R\$ 199). Rua São João Batista, 26 - Botafogo. Tel: (21)99467-1111.

Escama - Uma das sobremesas do menu de ceia por encomenda da casa é a rabanada de brioche com calda de doce de leite à parte. (R\$ 100/10 unidades). As encomendas podem ser feitas até o dia 28 de dezembro, para o Réveillon. Encomendas pelo telefone (21)99753-6126. Rua Visconde de Carandaí, 5 - Jardim Botânico.

Da Tháбата - A tarteira Tháбата Tubino lança para as festas de final de ano a tarta basca de rabanada (R\$28 - fatia). O doce natalino é uma combinação de canela, vinho do Porto, açúcar cristal e um pão sem glúten de alta qualidade. Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea - 3º piso. Tel: (21)97497-1991.

As muitas variações da tradicional rabanada

Divulgação



Hortifruti

Divulgação



Escama

Divulgação



Tortamania

Inverso Galeria/Divulgação



Nusa Café

Lipe Borges/Divulgação



Da Tháбата

Tomás Rangel/Divulgação



Mercearia da Praça

Gabriel Ávila/Divulgação



Artesanos Bakery

Hortifruti Natural da Terra - Na rede de supermercado as rabanadas ganham nova roupagem e chegam em variadas versões. Entre as novidades natalinas por encomenda estão: as rabanadas gourmet, recheadas com creme de avelã ou doce de leite (R\$ 62,90/Kg); a versão tradicional, fritas e assadas (R\$ 54,90) e com cobertura de doce de leite e de creme (R\$ 69,90/Kg). Encomendas: <https://encomendas.hortifruti.com.br/>

Mercearia da Praça - A Rabanada dos Sonhos (R\$ 28,90) é sucesso absoluto na casa. De massa leve e aerada, recebe farto recheio de creme de confeiteiro, que escorre ao cortar, e nos remete ao doce sonho das padarias. A delícia pode ser consumida no local ou encomendada para as ceias de fim de ano pelo telefone (21)3986-1400. Rua Jangadeiro, 28 - Praça General Osório, Ipanema.

Nusa - Com gostinho de Natal, não poderiam ficar de fora as clássicas Rabanadas (R\$ 18). Servidas de forma individual, as generosas rabanadas são preparadas de forma tradicional e finalizadas com canela e açúcar. Para dar o toque final, o preparo chega à mesa do cliente acompanhado de doce de leite, mirtilos e morangos frescos. As novidades são edições especiais de fim de ano e estarão disponíveis em ambas as lojas, durante todo o mês de dezembro. Rua Vinicius de Moraes, 129 - Ipanema. Tel: (21)3228-3562.

Tortamania - Neste Natal, a confeitaria preparou uma seleção de tortas especiais com sabores que não podem faltar nesta época do ano. Além das tradicionais tortas, a sugestão é a Torta Rabanada: uma combinação de rabanadas assadas com leite condensado, com toque de canela, em formato de torta (pequena R\$ 92 e média R\$ 149), além disso, não ficam de fora a rabanada tradicional (2 unidades R\$ 9 e 4 unidades R\$ 17) e a rabanada recheada com doce de leite (2 unidades R\$13) (4 unidades R\$ 25). Rua Vinicius de Moraes, 121/D - Ipanema. Tel: (21)3273-0333.

UM BOM JORNAL
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA
E NEM DE DIREITA
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM
DE INFORMAR
A VERDADE
E NÃO IMPOR
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR
E VONTADE DO ELEITOR .

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

correiodamanha.com.br @correiodamanha